

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Os tolos em geral e os cínicos em particular

FÁBIO FELDMANN

A Folha de domingo último trouxe, nesta página, um artigo ("A impostura ecológica") que usou um grande espaço do jornal em tergiversações e manifestações explícitas de ignorância para dar um singelo recado, exposto exatamente na última linha: entreguem a Rio-92 ao Estado-maior das Forças Armadas.

Se é só essa a reivindicação do autor, poderia ter poupado o leitor e ido direto ao ponto, o que resultaria num artigo de tamanho diretamente proporcional ao valor das idéias ali expostas sobre o tema ecologia. De qualquer maneira, há algo positivo no fato de ter revelado com tanta clareza as imposturas — as reais — por trás da onda de um autclasificado nacionalismo que assalta o Congresso e a imprensa na suposta defesa da Amazônia. O raciocínio básico, em que pesem eventuais, medianas e desnecessárias demonstrações de erudição, é primário: "1) os países ricos querem nos tomar a Amazônia, 2) a Rio-92 será a oficialização dessa tomada, 3) vamos insuflar a população contra ecologistas e Rio-92".

A estratégia utilizada é agressiva e intimidatória. Pretende, ao que tudo indica, colocar contra a parede os defensores do meio ambiente; calá-los ante a ameaça de serem considerados inimigos da soberania nacional, antinacionalistas e antipatriotas.

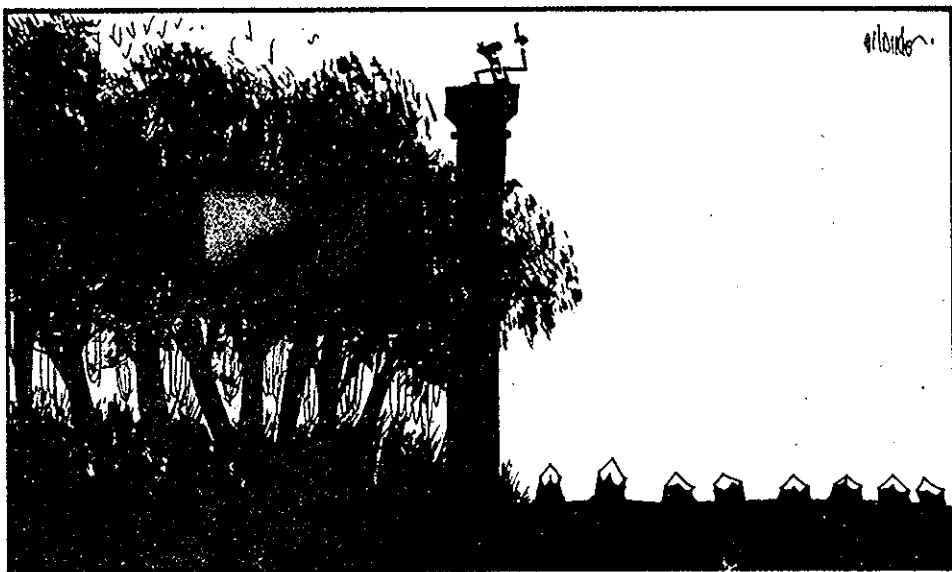
Vamos então ao antídoto de sempre, a verdade.

1) A realização da Conferência sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento em 1992 foi decidida por resolução do plenário da Assembléia Geral das Nações Unidas, sob proposta da insuspeita Comissão Brundtland. Os países membros votaram, o que descarta, de imediato, um complô para montar um cenário para julgar o Brasil ou, pior, tirar-lhe parte do território. Seria preciso, para validar a tese conspiratória, que todas as nações do mundo estivessem contra nós, o que seria pura paranóia.

A agenda da conferência não trata de nenhum problema específico de países em particular. É falsa e até ridícula a idéia irresponsavelmente divulgada de que a Rio-92 servirá para examinar a questão da Amazônia.

Ao contrário, enquanto a fanfarra anuncia nas ruas que devemos nos unir contra a conferência, o verdadeiro interesse do Brasil e dos países pobres na conferência perde força, apoio e mobilização. Os países ricos devem estar aliviados ao constatar que terão que enfrentar aqui apenas passeatas do tipo "A Amazônia é nossa" porque o que não querem mesmo é que haja pressão social pelo aprofundamento do debate a respeito das relações Norte-Sul e da participação das nações superdesenvolvidas na problemática ambiental planetária, o que implicaria abertura imediata do padrão econômico e de consumo que hoje sustenta suas sociedades.

2) A tese da internacionalização da Amazônia vem sendo levantada ciclicamente, desde a década de 30, ao sabor de intenções diversionistas variadas e do surgimento de inúmeros "Planos Cohen", a partir de episódios tais como o lago de Hermann Khan ou a eterna figura do padre ou missionário que esconde um maquiavélico espião atrás de nossas riquezas minerais. O tempo passa, a tecnologia avança, os satélites dos países ricos já mapearam o



solo, o subsolo, o ar, a estratosfera, mas a figura do "pérfido missionário" continua justificando até hoje manifestações ministeriais, no Congresso.

Outra característica da "tese da internacionalização" é a dificuldade para apontar responsáveis objetivos. Chama a atenção, inclusive — e isto deve, certamente, estar classificado em alguma patologia — a histeria com que o assunto é tratado. Governos, cidadãos, entidades civis ou possíveis aliados na luta por mudanças substanciais na ordem mundial são tratados, como se gosta de dizer, como "farinha do mesmo saco". É um absurdo que beira a ignorância absoluta imaginar que não há contradições nas sociedades desenvolvidas e que as pessoas, pelo simples fato de terem nascido em países ricos, são inimigas, por definição, da nossa soberania.

3) Trata-se de uma verdadeira mania culpar os ambientalistas em geral e os defensores dos índios, em particular, pelas mazelas na Amazônia, pela miséria de seu povo e pela "não-integração" da região aos "benefícios do progresso". Mas são cínicos esses senhores! Grande parte dos problemas ambientais que hoje ocorrem no Brasil são filhos diretos da febre de crescimento econômico a qualquer custo iniciada na década de 70. Investiu-se em Transamazônica, Itaipu, Tucuruí, usinas de Angra, poço do Cachimbo, sem conhecer, nem planejar, nem perguntar à sociedade quais eram suas prioridades. A grande estrada cortou a Amazônia; depois a grande hidrelétrica, com seu reservatório, cortou a estrada e por aí fomos. Os incentivos fiscais devastaram áreas, erodiram solos, expulsaram populações para as cidades, entregaram verdadeiras fortunas de dinheiro público em poucas mãos.

Os recentes episódios que desnudam a intensidade com que o narcotráfico ocupou a região Norte demonstram os subprodutos de um modelo de ocupação territorial contra o qual se insurgiram os ambientalistas, os cientistas, os indígenas. Mas, como sabemos, os especialistas em estratégia da Escola Superior de Guerra chegaram a considerar narcotráfico, indigenistas e ambientalistas como óbices, em pé de igualdade, ao desenvolvimento nacional.

4) O sr. Mourão fala da Rio-92 como uma impostura onde se juntam políticos e "tolos em geral". Por tolos em geral ele deve estar se referindo à maioria, detectada por pesquisa recente da Folha

em São Paulo, favorável à preservação da Amazônia (77%) e à defesa das terras indígenas (86%). Antes que gritem: "são os paulistas, que têm todos os benefícios do progresso", é bom avisar que a mesma pesquisa colocou em julgamento a afirmação "é melhor ter fábricas que poluem, mas oferecem empregos do que se preocupar demais com o meio ambiente", e o índice de discordância foi de 65%.

Ou seja, "os tolos em geral" querem mesmo mudar o mundo, não aceitam mais este modelo antropofágico no qual a vida é triturada por uma máquina de fabricar consumo e concentrar renda e benefícios, enquanto vende a miragem do "progresso" para um mundo em franca miserabilização.

5) O sr. Mourão usa o respeitável nome da ciência em vão. Ao contrário do que afirma, foram os cientistas os primeiros a fazer soar o alerta para o desequilíbrio ecológico no mundo e para os graves riscos da ação inconsciente da humanidade em relação ao planeta, especialmente a partir da década de 70 e com a constatação do buraco da camada de ozônio sobre a Antártida, a partir de imagens de satélite (provavelmente o autor deve julgá-las fotomontagem...). A dimensão global do problema exigiu mudanças radicais no tratamento dado ao tema, a exemplo da proibição dos CFCs e redução de CO2 na atmosfera. Aliás, neste particular, é interessante observar a semelhança de posições entre o articulista e o todo-poderoso assessor da Casa Branca, John Sununu, que não permite avanços efetivos por parte do governo americano em relação ao problema.

A comunidade científica brasileira, por sua vez, é uma das vozes mais consequentes e atuantes da luta ecológica no Brasil, o que recomenda cuidado ao invocá-la. Críticas à conferência e sua organização, certamente a comunidade científica tem muitas, mas são críticas procedentes, coisa de gente séria. É claro, tudo depende dos cientistas que se consulta. Se se trata do ecólogo Gilberto Mestrinho ou do antropólogo Leônidas Pires, "a cultura dos índios é baixíssima e não é respeitável", tudo bem. Certamente fornecerão vasta bagagem teórica para justificar as teses em voga. Por exemplo, soubemos pelo artigo do sr. Mourão a última justificativa para derrubar a floresta amazônica: ela está atacada por cupins... Não é demais?